

Século de Joanesburgo

Arouca acusa Governo de Lisboa de não ter uma política africana

O presidente da Frente Unida de Moçambique, Partido da Convergência Democrática (FUMO/PCD), Domingos Arouca, encontra-se em Lisboa, onde espera manter contactos, esta semana, com a Direcção do Centro Democrático Social-Partido Popular (CDS-PP).

Arouca, candidato às eleições presidenciais moçambicanas previstas para Outubro de 1994, explicou que o CDS-PP é o único partido português que se tem «mostrado aberto» e com o qual a FUMO/PCD «mantém contactos e relações de solidariedade e colaboração».

Domingos Arouca chegou a Lisboa, proveniente de Itália, onde esteve de 9 a 12 deste mês na primeira etapa de uma digressão que o levará ainda à Alemanha, na próxima semana, e à Bélgica.

Em Itália, o presidente da FUMO esteve presente numa audiência colectiva do Papa João Paulo II e manteve encontros no Ministério das Relações Exteriores, com empresários e com partidos políticos ita-

lianos.

Arouca disse ter mantido conversas sobre o processo de paz moçambicano, sublinhando que a Itália é um dos mediadores e o primeiro parceiro económico de Moçambique.

Quanto a apoios concretos para seu partido, disse que houve promessas de partidos italianos que não quis especificar por considerar que as coisas só dão efeito «quando não são conhecidas dos adversários».

«Fiquei satisfeito com os resultados obtidos, com os contactos feitos e, inclusivamente, estou convidado a voltar em Fevereiro para um ciclo de conferências sobre a situação em Moçambique», disse, escusando-se a revelar de quem partiu o convite.

Em Lisboa, para além dos contactos com o CDS-PP, Arouca espera ser recebido pelo Patriarca de Lisboa, não tendo pedido qualquer encontro no Ministério dos Negócios Estrangeiros por considerar que o Governo português «não tem uma política africana».

No seu entender, o papel

de Portugal no momento actual em Moçambique «é bastante negativo», pois, «como potência ex-colonizadora, não devia preocupar-se só com a instalação de empresários em África mas mais com o problema da difusão da língua e cultura portuguesas».

«Portugal não está a apostar no futuro, está só a apostar nos interesses imediatos, que nem sequer são culturais mas sim materiais», acrescentou.

Na Alemanha, Domingos Arouca vai «dialogar» com a União Cristã Democrática (CDU) e com a Fundação a que está ligada, Konrad Adenauer, «na sequência de contactos por escrito», para obter apoios para a campanha eleitoral.

O objectivo dos contactos, que prosseguirão depois em Bruxelas, «não é só obter apoio, mas também mostrar à Comunidade Internacional que em Moçambique não há só Frelimo e Renamo, há 15 partidos» e «nada justifica que a Europa só se preocupe com os dois que andaram a ensanguentar a terra moçambicana».

Lembrou o caso de Angola, onde não existiu uma terceira força, «uma terceira personalidade forte que obrigasse a ter também em conta os partidos não armados».

Definindo a FUMO/PCD como um «partido ecuménico», abrangendo todas as religiões e todas as raças, de inspiração humanista e defensor da economia de mercado, da iniciativa e da propriedade privadas, Arouca afirmou que sondagens em algumas províncias a apresentam como a terceira força política, «portanto a maior não armada».

O presidente da FUMO tem feito, desde o seu regresso a Moçambique, sessões de esclarecimento no sul do país, que prosseguirá quando regressar no início de Dezembro, prevendo instalar-se no norte no início do próximo ano «para correr todo o país».

A FUMO, segundo Arouca, tem tido «facilidades na sua expansão», mas denuncia acções de intimidação por parte das autoridades locais por a Frelimo «estar a sentir que está a perder o poder».

«Se não houver manipulação, se não houver intimidações, isto é, se as eleições forem verdadeiramente democráticas e livres, penso que a FUMO poderá alcançar um resultado significativo», afirmou.

Domingos Arouca mostrou-se confiante em que o processo de pacificação e democratização de Moçambique vai correr bem, lembrando que tudo está a ser feito com mais tempo para que não se repita a «tragédia angolana».